

Elegia para Eugenia Alvaro Moreyra

Camilo de Jesús LIMA

Agora, que os teus lábios calaram para sempre,
Dizem que as tuas mãos estancaram o carinho
E os teus olhos não mais se abrirão para a miséria do povo.

Agora, que estás morta e teu corpo repousa,
Dizem que não mais as tuas mãos afagarão a cabeça sonhadora do esposo,
—As tuas mãos que foram feitas para arrebentar cadeias,
Para arremessar pedras contra as muralhas de onde a opressão cospe

Violentas, mas também maternais, quando envolvendo presentes que as
| lágrimas batisavam de carinho

Para os prisioneiros,
Para os camaradas exilados,
E escondidos como feras.

Para as viúvas dos que morreram nos comícios, levantando o punho pa-
| ra o céu, no último desafio.—

Dizem que não mais teus lábios, estancados para sempre, gritarão na
| praça pública, como naquele dia,

Ameaçando os poderosos
E alimentando as esperanças do povo:

«Cavaleiro da Esperança,
Tua cela fique vazia!
Não pode haver liberdade
Sem anistia!»

E que não mais teus olhos ficarão úmidos junto ao microfone, no Es-
| tádio do Vasco,

Como naquela noite em que o Brasil falou pela voz do seu mártir, seu
| amigo, seu herói.

Dizem que não mais poderás zombar dos cães de fila dos tiranos,
Como fazias, quando levavas, com Maria Barata, uma palavra de espe-
| rança

Aos noivos da liberdade cujos olhos brilhavam na treva dos cárceres
| imundos, como estrélas,

Porque agora os teus lábios estão calados para sempre,
Porque as tuas mãos estancaram os gestos de ódio e os gestos de ca-
| rinho.

Porque o teu amor já não se abre para o esposo solitário que vagueia
| na treva da ausência,

Porque não se levanta mais tua voz nos comícios, ameaçando poderosos
| e esperando os filhos do povo,

Porque agora estás morta e o teu corpo repousa, Camarada Eugenia.

Mas todos nós, que ainda vivemos, e perlustramos as plagas do mundo,
— Marinheiros de todas as terras,

Soldados de todas as lutas.

Operários,

Camponeses,

Poetas do povo, e contadores de histórias do povo,

Nós nunca deixaremos de sentir o carinho das tuas mãos, que, agora,
| estão cruzadas e pálidas, debaixo da terra,

Nós nunca deixaremos de ouvir as palavras da tua boca selada para sem-
| pre,

Nós nunca deixaremos de ver os teus olhos, terríveis e piedosos, acesos,
| como naquela noite histórica, no Estádio do Vasco,

Nós nunca deixaremos de te ver,

De te ouvir,

De te sentir;

Sim. Nas horas tremendas da nossa luta,

Nas horas festivas da nossa vitória,

Nós te estaremos vendo,

Nós te estaremos ouvindo

Nós te estaremos sentindo,

Camarada Eugenia!

“O Combate” - Vitória da Conquista
23- agosto - 1948